

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**Isadora Valle Ballester**

**FUTEBOL E PANDEMIA: como torcer em tempos de isolamento social**

**Porto Alegre**

**2020**

**Isadora Valle Ballester**

**FUTEBOL E PANDEMIA: como torcer em tempos de isolamento social**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharela em Educação Física.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel da Silveira**

**Porto Alegre**

**2020**

**Isadora Valle Ballester**

**FUTEBOL E PANDEMIA: como torcer em tempos de isolamento social**

**Conceito final:.....**

**Aprovado em..... de..... de.....**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Gustavo Andrada Bandeira Técnico em assuntos educacionais  
da UFRGS**

---

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel da Silveira Professora da ESEFID-UFRGS**

## **RESUMO**

Sabe-se que o futebol está entre os lazeres mais praticados na vida do/a brasileiro/a. Ser torcedor/a de um clube e acompanhar suas notícias é algo importante para muitas pessoas. Com um ano atípico e a consolidação de uma pandemia, parte dos lazeres foram interrompidos a fim de que a saúde das pessoas fosse preservada. Pensando nisso, levando em conta que o futebol chegou a parar, o objetivo deste trabalho foi compreender de que forma os/as torcedores/as mantiveram o vínculo com esse esporte e acima de tudo, com seu clube do coração. Utilizei de entrevistas semiestruturadas para que os/as entrevistados/as tivessem a liberdade para aprofundar os temas abordados. Foram feitas entrevistas por meio de chamadas de vídeo no WhatsApp. Com os relatos, foi possível concluir que esses/as torcedores/as mantiveram seus vínculos com o clube através da realização de ações sociais, do fortalecimento de amizades com pessoas dentro da torcida, seja ela organizada ou não, e assistindo reprises de jogos.

**Palavras chaves: futebol, torcer, pandemia**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	11
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	23
<b>4 TORCER COM FUTEBOL</b> .....	28
4.1 O Jogo como Prioridade.....	28
4.2 O Torcer Delas em Jogo .....	30
<b>5 TORCER SEM FUTEBOL</b> .....	34
5.1 O Vazio no Estádio.....	34
5.2 Pertencer ao Clube e ao Grupo.....	36
5.3 Ações Sociais.....	37
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE 1</b> .....	49
<b>APÊNDICE 2</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Era 8 de março de 2020, 19h de um domingo de muito calor em Porto Alegre. Dia e temperatura propícios para ir ao estádio Beira-Rio acompanhar o time do coração com os amigos e familiares. Naquela ocasião, o Internacional enfrentaria o Brasil de Pelotas pelo Campeonato Gaúcho. O time colorado foi a campo com a equipe reserva, mas nem por isso, saiu derrotado. Final do jogo, vitória colorada com dois gols do volante Patrick.

Sete meses depois, o estádio Beira-Rio já não é mais o mesmo. Isso porque, agora, os jogos não estão podendo receber mais público por conta de uma pandemia. No começo do ano de 2020, surgiram notícias de casos de pessoas infectadas na China e na Europa por um vírus altamente contagioso. Em pouco tempo, o Brasil já se encontrava entre os países com casos e até mesmo mortes por Covid-19. Todos esses casos geraram um estado de pandemia mundial. Pelo olhar de Boaventura (2020), uma pandemia já existia muito antes em nossa sociedade em razão das desigualdades sociais. Segundo ele, a pandemia do Covid-19 apenas agravou uma situação de crise a que a população mundial já estava sujeita, uma vez que a falta de saneamento básico, o exercício do trabalho e da moradia em condições de pouca higiene e de grandes riscos é uma realidade da maioria no mundo todo.

Viu-se que para conter o avanço do vírus, seria necessário tomar medidas de contenção. Então, o Ministério da Saúde fez um Plano de Contingência ao Covid-19. Dentro das instruções, estava o isolamento social em caso de algum sintoma ou internação. Esse isolamento resultou em estado de quarentena nos países a fim de evitar maiores transmissões e contágios da doença. A Organização Mundial de Saúde (OMS) informou que a vacina seria uma das medidas mais custo-efetivas para controlar a pandemia de Covid-19 e diminuir os impactos na saúde, economia e sociedade. Porém, como ainda não existia/existe vacina, a OMS recomendou medidas<sup>1</sup> de proteção para ajudar nesse controle. Dentre elas, havia/há a recomendação de lavar as mãos frequentemente com água e sabão ou álcool em gel, cobrir a boca com o antebraço quando tossir ou espirrar, e manter-se a pelo menos 1 metro de

---

<sup>1</sup> Informações em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em 18/10/2020.

distância das outras pessoas. Quando esse distanciamento físico não fosse/for possível, o uso de máscara seria/é uma medida importante.

Para Boaventura (2020), grande parte da população do mundo não está em condições de seguir as recomendações da Organização Mundial de Saúde justamente por viver precariamente. Inclusive, o autor faz uma análise a respeito da existência de uma quarentena antes da quarentena. Esse termo é usado como uma provocação sobre o “abandono” de pessoas em situação vulnerável, no sentido de que, há pessoas com condições de vida precárias desde sempre, que viviam em quarentena em relação a benefícios e privilégios sociais e que, com a pandemia, viu-se uma tendência de agravamento dessa desigualdade, tanto na questão de prevenção à saúde quanto na questão social. Por exemplo, nas favelas, o cumprimento de uma medida relacionada a manter distanciamento em uma casa com espaço pequeno e família numerosa seria impraticável. Essa vida precária se tornou muito mais latente e “perigosa” no tempo de pandemia, pois, para essa maioria, a chance de proteção contra o vírus se tornou tão baixa quanto a sua condição de vida.

No mundo todo, de acordo com o mapa da covid-19, disponibilizado pela Universidade de Johns Hopkins<sup>2</sup>, até o dia 14/10/2020, já haviam morrido 1.088.051 pessoas, sendo que no Brasil, foram 150.998 mortes. Além disso, os números de infectados seguiram se modificando, resultando até a mesma data, em 38.275.349 de pessoas que contraíram o vírus. No Brasil, o número de casos já passava dos 5.113.628.

De acordo com a Portaria 356, do Ministério da Saúde, de 11 de março, a medida de quarentena seria adotada pelo prazo de até 40 dias, podendo se estender pelo tempo necessário para reduzir a transmissão comunitária e garantir a manutenção dos serviços de saúde no território. Além disso, o órgão estabeleceu que a quarentena acontecesse quando a ocupação dos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) chegasse a 80% da capacidade mobilizada para resposta à Covid-19. É importante salientar que a quarentena foi uma medida providencial não só relacionada à saúde, mas também a questões políticas, pois existia um embate entre questões sanitárias e questões

---

<sup>2</sup> Informações acessadas em <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 14/10/2020.

econômicas, onde se a quarentena fosse interrompida, os números de casos aumentariam e poderiam resultar em um colapso no sistema de saúde, além do número de mortes. Porém, ao mesmo tempo, com o mantimento da quarentena por mais tempo, a economia dos países não se sustentaria uma vez que a saúde não é o único componente da vida das pessoas.

Toda essa situação ocasionou em mudanças nas rotinas e nos hábitos de vida das pessoas. Durante certo período, as pessoas foram recomendadas a ficarem em suas casas, os comércios e outros serviços não podiam funcionar e com isso, muita gente ficou sem emprego e/ou viram seus empreendimentos fecharem por conta da pandemia.

Um setor muito afetado foi o do esporte. Os Jogos Olímpicos foram adiados para 2021, os campeonatos foram paralisados e os atletas viram seus treinamentos irem para dentro de suas casas, uma vez que era obrigatório manter isolamento e distanciamento social. Diante dessa situação, o que também ficou suspensa foi a ida dos espectadores aos locais de entretenimento esportivo, e neste trabalho, me atenho em focar no futebol e no/na torcedor/a nos estádios.

Aos poucos, as medidas de contenção ao vírus foram sendo flexibilizadas, conforme a propagação do vírus diminuía, sem sobrecarregar os sistemas de saúde. Então, o período de quarentena foi sendo menos rigoroso e a vida voltou a acontecer devagar, mesmo que ainda com medidas restritivas. Desse modo, os jogos de futebol também voltaram a ocorrer. Com portões fechados e protocolos sanitários, o primeiro jogo oficial pós-pandemia, no Brasil, ocorreu no Rio de Janeiro, dia 18 de junho, quando Flamengo e Bangu entraram em campo pelo Campeonato Carioca, mesmo sob debates a respeito da volta ou não do futebol.

No Rio Grande do Sul, dia 13 de maio, houve uma reunião na sede da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), onde a proposta para retomada do Gauchão foi aprovada. A aprovação só foi consolidada devido à divulgação de



um protocolo<sup>3</sup> contendo medidas a serem adotadas antes, durante e após as partidas. Dentre elas, encontram-se perímetro de isolamento no entorno dos estádios a fim de evitar aglomerações, jogadores reservas em pé na área de aquecimento (caso o banco não tenha espaço suficiente para manter o distanciamento recomendado), e uso irrestrito de máscaras. Além disso, todos os membros de cada time, incluindo comissão técnica, deveriam apresentar os resultados dos testes para covid-19. Repórteres fotográficos, gandulas, maqueiros, funcionários de limpeza e demais profissionais também deveriam ser testados.

Os jogos voltaram a acontecer, mesmo com todas as restrições protocolares de saúde. Porém, o torcedor continuou fora dos estádios, pois por mais que a flexibilização tenha existido, ainda era(é) muito arriscado aglomerar tantas pessoas em determinado espaço físico.

Como torcedora do Sport Club Internacional e frequentadora assídua do estádio Beira-Rio, vi meu principal momento de lazer ser impedido de acontecer. Além de não poder estar presente nos jogos, também não era possível assisti-los, uma vez que eles não estavam acontecendo. Dessa forma, me tornei mais ativa nas redes sociais do clube, à espera de alguma novidade, e me deparei com a necessidade de ter contato com outros torcedores do Inter a fim de relembrar momentos de arquibancada e de tentar entender como estava sendo, para eles, o período sem futebol. A partir daí, surgiu a ideia do tema deste trabalho, que é pensar como se torce sem futebol.

Para isso, construí um referencial teórico entendendo o que é torcer, me apropriei de alguns trabalhos que falam sobre torcida e fui compreender um pouco do significado disso. Conhecendo um pouco mais sobre esse torcer, e frente a esse contexto que o futebol passou pelo processo de pandemia, cheguei ao objetivo do trabalho que é compreender como torcedores assíduos pelo futebol vivenciam esse momento pandêmico a partir de um torcer sem futebol. Para entender esse objetivo, desenvolvi uma metodologia qualitativa,

---

<sup>3</sup>Informações em <https://fgf.com.br/Layout/documentos/2020-07-21%2013:46:01-PROTOCOLO%20DETALHADO%20RETOMADA%20GAUCH%C3%83O%202020.pdf>. Acesso em: 14/10/2020.

partindo de entrevistas com torcedores, e por fim, apresentarei as categorias analíticas que foram construídas a partir dessas entrevistas.

## 2 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

A crescente urbanização pela qual passaram e passam as sociedades modernas favoreceu o consumismo de atividades de lazer. Os meios de comunicação tiveram uma significativa responsabilidade na difusão e consumo dessas atividades. O futebol, como um espetáculo esportivo, não ficou de fora e se tornou uma das atividades de lazer esportivo mais veiculadas na TV brasileira.

Segundo Salles (1998, p. 43), o futebol é referência de lazer para o brasileiro, tanto na possibilidade de prática quanto de torcedor. Para o autor, “o futebol conquistou o referencial de lazer – espetáculo como espaço aceitável para liberação das tensões que no seu mundo real não é permitido” (p. 53).

Levando em consideração a relação do lazer entre sujeito e vivência,

o futebol também não pode ser considerado uma vivência de lazer por si só, mas sim o que esta prática suscita no indivíduo, bem como todas as outras dimensões culturais e afetivas relacionadas às diferentes práticas e vivências que tal manifestação possibilita. (LAGES, 2012, p. 8).

No Brasil, o ato de torcer por um time de futebol passou de uma singela atividade vivenciada aos finais de semana, para atos identitários e competitivos capazes de desencadear paixões. Os rituais do torcer reforçam valores, rivalidades, comportamentos e autoimagens coletivas. Reconhecem a honra do passado e almejam a perpetuação do patrimônio do seu clube no futuro. Os torcedores anseiam compartilhar os momentos de dor e alegria do seu time juntos. Esse é o sentimento que os une em contextos cotidianos e no dia do jogo, seja na sede da agremiação, seja no caminho do estádio, dentro dele ou em frente à televisão (CAMURÇA, 2019).

As primeiras formas de torcer surgiram com a ascensão do futebol nas décadas iniciais do século passado (PEREIRA, 2000). O vínculo já existente em outros espaços entre torcedores e jogadores era reafirmado no campo, em forma de apoio e torcida. Segundo Canale (2012), além de compartilharem espaços de religiosidades e festividades, esses grupos ampliavam esses espaços de vínculo aos campos de jogo, com o objetivo de desfrutarem de um entretenimento entre iguais, ou seja, membros da mesma condição social que desfrutavam das mesmas influências culturais.

As competições eram realizadas conservando-se determinados valores para determinada classe social. Atletas amadores, sem educação formal e trabalhadores braçais eram barrados de competições organizadas pelas federações, pois não se enquadravam nos valores culturais de determinada classe que usufruía do futebol como lazer (CANALE, 2012).

A popularização desse esporte no mundo acontece basicamente a partir de 1870, com a chegada da Era Industrial. O esporte que inicialmente passou a ser praticado pelos operários no interior das fábricas inglesas como forma de lazer, logo foi apropriado pelo sistema industrial, sendo organizado e incentivado pelas corporações, contribuindo assim para sua profissionalização (GIDARO, 2015).

De acordo com Pimenta (1997), com o surgimento do profissionalismo, o capitalismo industrial no Brasil passou a atuar nas relações sociais e o futebol penetrou nas culturas urbanas e industriais. Canale (2012) afirma que a entrada das classes populares nos estádios tornou mais acirrado o embate sobre novas perspectivas do jogar e do torcer, reelaborando e incidindo sobre representações até certo ponto alicerçadas no ideário nacional, mais especificamente num *habitus* das classes médias e altas.

A primeira forma de manifestação do torcer, por exemplo, é denominada, por alguns pesquisadores, de torcidas voluntárias. Torcidas que, no início da nossa história do futebol, se reuniam única e exclusivamente em consequência dos jogos e tinham como elemento unificado a paixão, ou a simpatia, que nutriam por um ou por outro clube (CORREIA SOBRINHO, 1997, p. 2).

Novas formas torcedoras, segundo Toledo (1996), surgiram nos anos 1940. Em São Paulo, surge o movimento de Torcidas Uniformizadas, com torcedores da elite paulistana que se encontravam nos clubes, festas e se organizavam para ir ao estádio e sentarem em uma determinada parte da arquibancada. De acordo com Toledo (1996), essas torcidas tinham uma estrutura básica de organização, com o comando de uma só pessoa, conhecida como “o chefe de torcida”, que agrupava em torno de si dezenas de simpatizantes, sendo as mesmas vinculadas aos clubes através de políticos, dirigentes ou funcionários.

A partir de 1970, muitas mudanças ocorreram no cenário do futebol brasileiro. Nesse período, o futebol ganhou prestígio nacional e internacional, atraindo maior público, mas também, transformou-se em mercadoria. Com isso, esse esporte contou com significativo investimento por parte do Estado na estrutura de base. Vários estádios foram construídos e a criação da Loteria Federal e do Campeonato Brasileiro de Futebol fez com que a economia do futebol passasse a fazer parte do giro de mercado do país (HANSEN, 2007, p. 2).

Loureiro (2011) destaca que as uniformizadas também acompanharam esse ritmo e, com o crescimento do futebol, se tornaram organizações maiores, passando finalmente a se chamarem de Torcidas Organizadas. E de acordo com HANSEN (2007, p. 2), “essas modificações extinguiram o torcedor-símbolo chamado de chefe, surgindo um organograma mais complexo, cuja peça principal era denominada de presidente”.

As Torcidas Organizadas surgem em um momento de redefinição política e social. O Brasil, na época, passava por um regime ditatorial, fazendo com que jovens passassem a se organizar almejando um país com liberdade de expressão, igualdade e democracia, não apenas incentivando seus clubes na arquibancada. Inicialmente distanciados e separados do clube, reclamavam a si o direito de representatividade, de participação e de pressão sobre uma administração considerada autoritária (HOLLANDA, 2008), ou seja, segmentos dessas torcidas buscavam atuar como mecanismos de pressão, projetando uma influência nos rumos de seus clubes e do futebol brasileiro.

Além do âmbito de seus clubes, essas Organizadas buscavam uma participação política a nível do Estado também, o que lhes foi negado, gerando assim, uma maior inquietação interna como grupo social (PALHARES, 2012). Pimenta (2003, p. 46) reforça a ideia de que

o torcedor, na formação ‘organizada’, não é mais um mero espectador do ‘jogo’. No grupo ele é parte do espetáculo, ele é o espetáculo, é protagonista. Vide suas vestimentas e bandeiras (estético), cantos e coreografias (lúdico), sentimento de pertencimento e representação da guerra contra os rivais (simbólico).

Os torcedores não são meros espectadores passivos, como nos afirmam Sobrinho e César (2008), eles formam grupos, cobram mensalidades, vendem camisetas, chaveiros, flâmulas, e tudo que pode trazer dinheiro, ou seja,

realizam atividades que podem ser caracterizadas como um tipo de comércio e, como todo comércio, para ser rentável, precisa de uma propaganda positiva. Ao longo dos anos, as torcidas organizadas foram se tornando mais profissionais, burocráticas e empresariais (TEIXEIRA, 2003). Prova disso é que muitas delas vendem material em suas lojas e/ou pela internet e formam entidades jurídicas, com estatuto, diretoria, conselho deliberativo e eleições periódicas para presidente (TOLEDO, 1996).

Correia Sobrinho (1997) sustenta que a partir do momento em que se constituem em empresa, acompanhando a evolução que ocorre com os clubes, as torcidas acabam por obter um grau maior de autonomia, ampliando seu espaço de atuação, trazendo, para o dia-a-dia, uma rivalidade antes vista exclusivamente nos campos de futebol. As torcidas se utilizam de um marketing para divulgar seus produtos, tornando-as assim, capazes de atrair para seu interior um mercado consumidor constituído, na sua maioria, por jovens que buscam não só segurança e algo no que acreditar, mas identidade e visibilidade social.

Ao mesmo tempo em que se tornam um lugar onde jovens encontram identificação, pertencimento e força pessoal, é pouco divulgado o papel dessas torcidas dentro dos clubes. Canale (2012, p. 18) diz que esses torcedores são vistos através de um estereótipo que diz respeito à violência, à alienação e à vagabundagem, o que iria de encontro aos valores da sociedade, que vê no trabalho e nas esferas sérias da vida, a única forma de exaltação.

Devido ao processo civilizatório, houve um repúdio a manifestações violentas. Dessa forma, a tendência deveria ser a de diminuição de ocorrência destes tipos de manifestações agressivas. Neste processo, entendeu-se que, caso o comportamento violento aparecesse, caberia ao Estado reprimi-lo. Esta exclusividade da repressão, por parte do Estado, ocorreu devido ao monopólio do mesmo, no uso da força contra manifestações violentas (DUNNING, 1992).

Para Benevides (1996, p. 75), "a causa da violência entre as torcidas organizadas se justifica pela falta de perspectivas da juventude das periferias e de uma nova classe média cada vez mais revoltada com sua proletarização forçada." Assim, há uma associação da violência no futebol com a violência da sociedade (REIS, 1998).

O torcedor organizado tem sofrido um processo que obscurece a diversidade de sua atuação social como cidadão nos espaços em que o futebol não predomina (CANALE, 2012). Parte disso pode se dever ao sensacionalismo da mídia, que generaliza os torcedores como violentos, dando prioridade à audiência e não à verdade.

Correia Sobrinho (2008) destaca outra característica importante das Organizadas, que é o suposto papel social defendido pelos dirigentes dessas torcidas, quando alegam que em vários momentos, nas periferias dos grandes centros urbanos, são esses grupos que promovem o lazer, se engajam em campanhas filantrópicas e garantem a assistência médica aos seus associados.

O movimento da globalização traz consigo uma fragmentação, motivante ou causadora da sociedade de massas. Com a emergência de uma sociedade global, não mais nacional, revela-se uma pluralidade dos modos de ser no mundo, apresentando uma rearticulação dos indivíduos, atomizados em torno de relações de sociabilidades mais localizadas que se ligam ao todo social e se relacionam com uma nova configuração do espaço público. (SANTOS, 2004). As torcidas organizadas acabam por recriar redes de sociabilidades com a incorporação de novos padrões éticos e estéticos, uma vez que podem ser pensadas como tribos urbanas, que segundo Magnani (1992), são grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares que contrastam com o estilo de vida das grandes cidades. Ou seja, essas torcidas possuem éticas próprias, forte vínculo emocional, necessidade de se diferenciar dentro da sociedade e têm o lazer como constituinte de sua prática.

Estar em um estádio de futebol, segundo Bandeira (2010), significa passar por diferentes pedagogias. Estar no meio de uma torcida é saber como se comportar, em que momento xingar, quando calar, quando gritar. O autor aborda a existência de processos educativos pelos quais os torcedores passam, “que permitem que os sujeitos se coloquem em determinada comunidade afetiva, em determinado grupo identitário, dentro de uma doutrina” (BANDEIRA, 2010, p. 345).

Levando em conta o objeto de análise deste estudo, ou seja, as torcidas organizadas, percebe-se que existe um *modus operandi* dentro desses contextos que faz com que os torcedores presentes nesse núcleo compartilhem

determinadas práticas ou discursos. Dentre esses discursos, há a manifestação da masculinidade. Nesse caso, dentro dos estádios, como defendido por Bandeira (2010), há uma forma de agir por parte dessas torcidas que faz com que valores masculinos sejam exaltados e incorporados nesse contexto.

Atitudes como cobrança de garra durante os jogos esboçam características que, há tempos, expõem os homens como sujeitos fortes, lutadores, que ganham a batalha e se mostram superiores quando brigam ou quando são temidos pelos outros. Ao mesmo tempo em que torcer abrange essa forma “viril” de se portar, “acobertando” questões violentas, há um contraponto, ou seja, aquilo que seria considerado feminino em outras esferas, mas que no estádio, os homens se permitem agir dessa maneira em razão do amor pelo clube.

Homens falam que amam seus times, choram por seus times, demonstram sentimento pelo clube e até por eles mesmos, como se no estádio, essas atitudes fizessem parte do que Bandeira (2010) chamou de “masculinidade da *nossa* torcida”, ou seja, uma forma de agir com seus iguais que determina que tais atitudes, dentro daquele espaço, daquela torcida, são consideradas aceitas e ‘garantem a masculinidade’ que, talvez em outro contexto específico, fosse colocada em dúvida.

Manifestações como as citadas acima colaboram para a criação de uma identidade cada vez mais forte entre sujeito, torcida e clube. A presença dos jovens nas organizadas seria uma tentativa de mostrarem para a sociedade que eles existem.

Ao mesmo tempo em que existe a manifestação da masculinidade nas torcidas, há também a defesa de ideais que combatem qualquer tipo de preconceito e intolerância em relação a questões de gênero, de raça, de sexualidade. Conforme noticiado nos últimos dias, em sites e jornais<sup>4</sup>, existem grupos de torcedores que acreditam em um futebol totalmente popular e que se desprenda de qualquer tipo de demonstração de preconceito.

Dunning (1992) mostra que o esporte é uma das áreas mais importantes no que diz respeito a “áreas reservadas masculinas”, ou seja, é um campo com importante potencial para o funcionamento de estruturas patriarcais. Porém,

---

<sup>4</sup> Informações acessadas em <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/06/torcidas-organizadas-antifascismo-manifestacao/> Acesso em 09/06/2020.



ainda que o futebol seja um universo tido como masculino, as mulheres têm ocupado seu espaço dentro dos estádios. De acordo com a perspectiva histórica da presença de mulheres nos estádios, Campos (2010, p. 73) destaca que “mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores”.

A figura de acompanhante possui destaque no estudo de Soares (2019). A obra diz respeito à torcida organizada Tatudominado, do Clube Alterosa, de Belo Horizonte. Em entrevistas com integrantes dessa torcida, é possível notar declarações sobre a impressão que os mesmos têm em relação às mulheres que participam da torcida organizada sem possuir vínculo afetivo com nenhum integrante. Muitos dos relatos caracterizam essas mulheres de maneira negativa, através da palavra “piranha”. Há casos em que, para evitarem constrangimentos, algumas mulheres estabelecem vínculo afetivo com algum integrante da torcida, enquanto que aquelas as quais isso não ocorre, passam a ser caracterizadas como homossexuais.

Na descrição dos eventos beneficentes realizados pela torcida, conforme citado no estudo, fica claro o papel das mulheres que se encontram nesse contexto. A maioria delas era casada com algum integrante, por isso, automaticamente se fazia presente nos eventos. Além disso, a principal função dessas figuras femininas estava relacionada a entreter as crianças dos lugares ou servir comida, enquanto que os integrantes homens ficavam encarregados de montarem um “cenário” para o evento, colocando bandeiras e organizando o espaço.

Então, levando em conta que o artigo supracitado é recente, de que forma é possível pensarmos a presença da mulher nos estádios hoje em dia? Visto que, aos poucos, com o aumento de conforto e segurança nos estádios, as mulheres foram ocupando esses espaços (SANTOS, 2005), destaco aqui, a existência de um grupo de mulheres torcedoras do Sport Club Internacional, intitulado Gurias de Vermelho, que foi criado com o intuito de reunir mulheres que iam aos jogos sozinhas e não se sentiam confortáveis nessa condição, mas também não queriam abrir mão de verem seu time jogar. A existência desse grupo mostra como, atualmente, ainda existe preconceito em relação às mulheres frequentarem determinados espaços. O medo de ir a um jogo sozinha

pode estar representado em possíveis constrangimentos que o público masculino as fariam passar.

Em contrapartida, conforme observado em comentários realizados por homens em uma página de futebol de uma rede social, em uma foto de uma torcedora fazendo gestos obscenos para jogadores do time adversário, nota-se uma admiração por mulheres que se envolvem nesse contexto de torcida e futebol. Os comentários dão conta de que mulheres que gostam e demonstram amor por seus clubes, são dignas de exaltação e admiração por parte de todos, como se passassem a fazer parte desse universo masculino porque agem de forma masculina.

Nesse caso, podemos notar que mulheres são bem vistas nesses espaços porque agem conforme a “masculinidade da *nossa torcida*” já citada, além de serem vistas como potenciais “acompanhantes” devido a comentários do tipo: “essa é pra casar”. Tal expressão corrobora com a ideia de que o local da mulher é nas arquibancadas torcendo e embelezando o espetáculo esportivo (CAMPOS; SILVA, 2010), que o papel da mulher é embelezar os locais por onde passa e chamar a atenção dos homens para constituir família. Isso mostra o machismo presente nesse contexto quando enfoca que mulheres que gostam de futebol são dignas da exaltação de um homem.

Assim, fica claro que, ao mesmo tempo em que um longo caminho já foi percorrido, ainda há muito a se fazer em relação à aceitação de mulheres torcedoras nesse contexto. Nesse sentido, encontrei dois estudos que nos ajudam a entender o quanto esse cenário já mudou, não só em relação à inserção da mulher no estádio, como também a forma como cada uma torce.

No trabalho de Martins (2014), foram investigadas as manifestações do “ser torcedora”. O estudo foi realizado com torcedoras do Sport Club São Paulo, de Rio Grande, onde notou-se que por mais diferentes que fossem as manifestações das torcedoras, elas estavam presentes no estádio, relacionando-se, reunidas em prol de seus pertencimentos clubísticos e compartilhando algo em comum. Essa afirmação dá conta de que o torcer não é uma prática homogênea. As mulheres que frequentam os estádios não vão torcer da mesma forma que os homens nem de uma maneira igual para todas as mulheres. Além do torcer no coletivo, as torcedoras “também apresentavam suas características individuais, que ressaltavam a identidade torcedora de

cada uma delas, principalmente através de suas vestimentas e gesticulações” (MARTINS, 2014, p. 194).

Outras manifestações do torcer pelas mulheres podem ser encontradas no trabalho de Garrafiel (2019), que mostrou que esse ato não se restringe somente ao momento do jogo, mas também aos dias que antecedem determinada partida ou a momentos antes da bola rolar. O estudo traz relatos de torcedoras referindo-se às emoções sentidas pelas mesmas em vésperas de jogos, como sugere a seguinte fala de uma delas: “um dia antes eu já começo a ficar nervosa, já começo a ver tudo, quem vai ser escalado, quem não vai jogar. Eu já fico ansiosa um dia antes...” (GARRAFIEL, 2019, p. 30).

Além do nervosismo relatado no pré-jogo, algumas das entrevistadas também demonstraram sua forma de torcer relatando que as idas aos jogos no estádio são prioridade em relação a trabalho e faculdade, o que mostra o grau de importância que o time tem para elas. E as formas de manifestações do torcer pelas mulheres não param por aí.

Quando compara as diferentes formas de criação de um menino e de uma menina na nossa sociedade, Costa (2006, p. 2) afirma que as mulheres “precisam mostrar que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos”, a fim de passar certa credibilidade para os homens, como se o saber e entender sobre futebol dissesse respeito somente aos homens. A fala de uma das entrevistadas do trabalho de Garrafiel (2019, p. 32) mostra que, dentre as diversas manifestações do torcer entre as mulheres, também se encontra o compreender sobre o jogo: “gols de escanteios ultimamente tem sido uma coisa que quase não acontece no time masculino do Grêmio, é quase sempre escanteio curto que eu odeio, ou uma cobrança preguiçosa na primeira trave que não da em nada”. Tal fala mostra que a torcedora não apenas assiste ao jogo, mas também analisa os detalhes táticos da partida.

Nesse sentido, seguindo a lógica de diferentes manifestações do torcer, agora não mais diferenciando homens ou mulheres, mas sim tratando de torcedores/as de um clube, é possível perceber que o torcer por um clube e defender as suas cores não se limita mais somente ao campo de jogo, mas também a campos sociopolíticos.

Visto que o Brasil possui uma vasta gama de clubes de futebol, optei por focar na região Sul, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, que possui dois clubes de maior expressão, sendo eles Sport Club Internacional e Grêmio Football Porto-Alegrense, por razões de maior aproximação com os mesmos devido à minha localização. Saliento aqui, com base na matéria encontrada no site Rede Brasil Atual, escrita por Mascari (2020), que ambos os clubes contam com movimentos antifascistas, lutando para que não haja espaço para racismo, machismo e homofobia dentro dos estádios.

Nos últimos tempos, têm-se visto grande mobilização de torcedores nas ruas protestando a favor da democracia. Mascari (2020) destaca a declaração de um dos membros da Anatorg (Associação Nacional de Torcidas Organizadas), entidade representativa das torcidas organizadas, que defende que as torcidas têm um poder único de mobilização e, por isso, a participação política é tão importante. Segundo a entidade, o pontapé inicial para criar um movimento homogêneo e forte é a bandeira democrática. A lembrança de que, há anos, os torcedores se encontram censurados nas arquibancadas serve de combustível para que, hoje, nas ruas, levantem bandeiras de cunho político a fim de defenderem um projeto de país.

Além de questões sociopolíticas, as torcidas organizadas têm lutado contra um novo modelo de gestão do futebol, que envolve questões estruturais dos estádios as quais influenciam na maneira livre de torcer. Lopes e Hollanda (2017) relatam que essa mudança se deu devido à repercussão do desastre ocorrido no estádio de Hillsborough, na Inglaterra, em abril de 1989, onde 96 pessoas morreram pisoteadas ou esmagadas pelo alambrado devido à superlotação e ao hooliganismo.

Após esse episódio, foi elaborado um documento que tratou de “humanizar” o hábito de ir aos jogos,

“recomendando, entre outras coisas, uma série de alterações nas condições estruturais dos estádios britânicos como a retirada dos alambrados e a colocação de assentos em todos os lugares. Essas alterações estruturais diminuiriam a capacidade dos estádios, tornando os assentos recursos mais escassos, o que, em consequência, elevou o valor dos ingressos e intensificou o processo de aburguesamento do espetáculo futebolístico” (LOPES, 2018, p. 218).

Esse novo modelo de estádio, chamado agora de “arena”, segue a tendência inglesa de transformar os eventos de futebol em um evento para se

olhar, onde a liberação da emoção intensa deve ser rigidamente combatida (Lopes, 2016).

Ao mesmo tempo, essas “renovações nos estádios” passaram a ser criticadas por movimentos de torcedores de toda Europa em razão do aumento do valor dos ingressos e das inúmeras proibições de instrumentos e materiais das torcidas nas arquibancadas, o que cunhou na criação do termo “futebol moderno”, podendo ser entendido como um processo de hipermercantilização do futebol (LOPES; HOLLANDA, 2017). Seria um futebol que, na perspectiva desses movimentos, contribuiria para o fim das emoções, da autenticidade, da espontaneidade, da história, da tradição e da rivalidade entre clubes (NUMERATO, 2014).

Esse processo de mudança das formas de torcer resultou na emergência de um novo tipo de torcedor, denominado por Giullianotti (2002) de “pós-torcedor”, em virtude de sua capacidade de reflexão crítica, ironia e participação política. Cada vez mais vigiados e tratados (meramente) como consumidores, os torcedores organizados têm sido, sistematicamente, excluídos dos processos decisórios de seus clubes. Tal exclusão tem fomentado formas de resistência por parte das torcidas organizadas e dos coletivos de torcedores, que têm conseguido esboçar ações de defesa dos seus direitos. O enfoque dos protestos das torcidas organizadas tende a recair sobre os clubes e as organizações que administram o futebol, enquanto que os coletivos de torcedores tendem a se envolverem com questões políticas mais amplas, como por exemplo, as questões de gênero, racismo e homossexualidade.

A criação de entidades representativas têm sido algumas das formas das torcidas organizadas de futebol de lutarem contra o “futebol moderno” e contra a criminalização de sua cultura torcedora. Mais recentemente, surgiram coletivos como a “Punk Santista” (Santos), “O Povo do Clube” (Internacional), a “Resistência Azul Popular” (Cruzeiro), o “Dissidenti” (Palmeiras) e a “Frente 1899” (Vitória). Formados por grupos de aficionados de um clube, que compartilham afinidades ideológicas, alguns desses coletivos têm participado ativamente da vida política mais ampla do Brasil e de manifestações de esquerda. Outros têm se centrado em pautas específicas, como o “Futebol, Mídia e Democracia”, que luta contra o jogo de meio de semana, com início às

22h, em atendimento às exigências da Rede Globo de televisão. (LOPES; HOLANDA, 2018)

É importante destacar que alguns integrantes desses coletivos pertencem a torcidas organizadas e, aparentemente, não há conflitos entre eles e essas torcidas. Enquanto as Organizadas atuam como mecanismos de pressão sobre os clubes e apenas pontualmente se envolvem em questões políticas não diretamente relacionadas com o futebol, os coletivos tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda.

Percebe-se que o futebol consegue mobilizar diferentes formas de se torcer, de se relacionar, de se pensar. Em tempos considerados “normais”, é um esporte capaz de movimentar massas todos os dias. Com a pandemia e o isolamento com o qual nos encontramos, senti necessidade de tentar entender como os/as torcedores/as mantinham seus vínculos com os clubes do coração. Partindo de uma realidade em que esses sujeitos já participavam assiduamente desse contexto futebolístico, problematizo um torcer COM futebol e um torcer SEM futebol. Visto que, com o isolamento social dessa pandemia, os clubes foram impedidos de treinar e jogar, este trabalho tem como objetivo entender como é torcer SEM futebol.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada no estudo é de caráter qualitativo. Para Ribeiro (2008), a abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pela realidade em investigação. O instrumento metodológico utilizado foram as entrevistas, que segundo Rosa e Arnoldi (2006), são ferramentas importantes para contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila.

A entrevista em pesquisa qualitativa procura ampliar o papel do entrevistado ao fazer com o que o pesquisador mantenha uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas pré-definidas, de forma que a palavra do entrevistado possa encontrar brechas para sua expressão (FRASER; GONDIM, 2004, p. 145).

Dentre os tipos de entrevistas possíveis de serem realizadas, neste estudo, optei pela semi-estruturada. De acordo com Duarte (2004), esse tipo de entrevista dá uma maior liberdade à conversa, pois é possível mesclar a formalidade e a informalidade, a fim de provocar discursos mais ou menos livres, mas que atendam aos objetivos da pesquisa e que sejam significativos no contexto. Ressalto aqui que um roteiro de entrevista foi elaborado para este estudo a fim de manter uma organização acerca dos tópicos a serem abordados e conseguir contemplá-los em sua totalidade na direção de contemplar o objetivo desta pesquisa (ver Apêndice 1).

Além disso, utilizei do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice 2) para possibilitar aos sujeitos do estudo, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a participação dos mesmos fosse efetivamente livre e consciente.

Para definir quem seriam os entrevistados, observei as redes sociais de torcedores e de páginas de internet relacionadas ao time de futebol do Inter. Escolhi o Sport Club Internacional por seu meu time de coração e por já estar interada das redes sociais do mesmo. Então, passei a analisar comentários e

fotos que pudessem explicitar algo relacionado ao momento em que estamos vivendo com a pausa do futebol devido à pandemia de Covid-19. Inclusive, em razão do isolamento social, não realizei as entrevistas presencialmente, e sim, por vídeo, a fim de conseguir obter uma maior proximidade do diálogo. Em razão desse trabalho ser, em parte, sobre torcidas organizadas, pensei em ter como primeiro entrevistado o líder de uma das Torcidas Organizadas do Sport Club Internacional. Entrei em contato através de rede social e marcamos a entrevista, porém ele não pôde realizar no dia. Um tempo depois, voltei a entrar em contato e descobri que ele estava doente, por isso, não poderia realizar a entrevista tão cedo, mas que assim que pudesse, entraria em contato. O que não aconteceu.

Sendo assim, o primeiro entrevistado foi um torcedor que eu já conhecia e pertencia a minha rede de amizade, chamado Victor. Os nomes das pessoas entrevistadas foram preservados, por isso, escolhi nomes fictícios. A entrevista foi realizada via chamada de vídeo pelo WhatsApp. Pensei nele porque, como já fomos a alguns jogos juntos, conheço um pouco da sua forma de torcer, dos seus rituais pré e pós-jogo. Victor tem 28 anos e, com base no meu conhecimento prévio sobre ele e em suas descrições sobre si mesmo, posso dizer que ele é um torcedor crítico e passional ao mesmo tempo. É crítico no sentido de “cornetear” jogadores e o próprio time, e ‘passional’ pois quando tem jogo, ele está sempre no estádio apoiando.

A segunda pessoa entrevistada através de chamada de vídeo pelo WhatsApp foi a Mariana. Com 24 anos, ela tem nítido na memória a primeira vez que foi ao estádio Beira-Rio, quando tinha cinco anos. Desde lá, mostra-se torcedora assídua do clube e marcava presença em todos os jogos. Encontrei a Mariana nas publicações da página Discípulos de RAO, que é um movimento de torcedores do Inter que se dedicam exclusivamente a realizar ações sociais. Com a pandemia, vi que a página estava bastante movimentada com postagens de fotos, vídeos, rifas, de arrecadações e entregas de mantimentos a famílias necessitadas. Mariana era presença certa nas ações realizadas e postadas na página. Conforme seus relatos, ela sempre foi de ajudar os outros e fazer trabalhos voluntários dessa mesma espécie. Agora, os Discípulos de RAO passam a ser um meio para que Mariana continue esse trabalho social.



Fernando foi o terceiro entrevistado. Atualmente desempregado e sendo líder de um dos núcleos de uma torcida organizada do clube, ele ocupa seu tempo buscando mantimentos para quem precisa e marcando compromissos com integrantes da própria torcida. Dentre esses compromissos, Fernando e seus companheiros buscam por áreas que se encontram mais vulneráveis na pandemia. Um exemplo é a região de São Leopoldo, que sofreu com uma enchente causada pela cheia do rio dos Sinos. Fernando tomou conhecimento da situação e organizou a arrecadação de mantimentos para os moradores da região afetada. Fernando já era meu amigo nas redes sociais e, por isso, era possível ver as fotos das ações sociais as quais ele liderava. Por isso, o selecionei e o considerei um sujeito importante no contexto desse trabalho. A entrevista foi realizada por chamada de vídeo via WhatsApp.

Outra entrevistada foi a Jaqueline. Conforme já dito no referencial teórico, o Inter conta com um movimento de torcedoras mulheres chamado Gurias de Vermelho. Jaqueline é uma das fundadoras desse grupo. Atualmente morando em Porto Alegre, vinda de Santa Catarina, ela contou que sua trajetória como torcedora sempre existiu, porque seus avós foram pessoas influentes no clube e esse vínculo foi passando de geração em geração. Jaqueline ia aos jogos sozinha, até que surgiu a ideia de criar uma rede para incentivar as mulheres a irem aos jogos 'sem medo'<sup>5</sup>. Essa rede é o Gurias de Vermelho, que funciona como um grupo que se encontra antes e durante os jogos a fim de acabar com as inseguranças das mulheres em frequentarem o estádio. A escolha da Jaqueline se deu por entender que ela já possuía uma trajetória torcedora anterior à pandemia e, como eu já participava das redes sociais desse movimento, entendi que seria fácil entrar em contato. E foi. Realizamos a entrevista via chamada de vídeo pelo WhatsApp.

A última pessoa entrevistada foi um pouco mais difícil de ser definida. Inicialmente, eu tinha a ideia de entrevistar três homens e três mulheres. Com a não realização da entrevista com o líder da torcida organizada, entendi que seria interessante encontrar alguma mulher que fizesse parte da mesma torcida, a fim de ter uma noção sobre como seriam as formas de torcer dentro

---

<sup>5</sup> Medo em relação a comentários obscenos por parte de homens, em relação à segurança no setor dentro do estádio, de estar sozinha caso dê briga.

da própria torcida. Em um primeiro momento, em uma foto de um dos integrantes da torcida, vi que tinha uma mulher, e entrei em contato, não obtendo resposta. Ao mesmo tempo, encontrei uma foto em que tinham somente mulheres da torcida, então escolhi a Vanessa “aleatoriamente” entre elas.

A entrevista foi realizada em forma de texto e áudio pelo WhatsApp, onde eu enviava uma pergunta de cada vez e a Vanessa respondia. Vanessa tem 21 anos e é colorada por influência de uma tia que a levava aos jogos quando pequena. Ela conta que no colégio em que estudava, tinha um grupo de amigos que faziam parte da torcida organizada a qual ela frequenta hoje. Segundo ela, ter essas pessoas e ser integrante dessa torcida ajudou-a a passar por momentos difíceis na vida, dentre eles, em relação à pressão social a respeito de passar no vestibular. Ser integrante da torcida e ter construído uma rede de amigos se mostra como algo fundamental na vida de Vanessa, ajudando, dentre tantas coisas, a fortalecer o vínculo com o próprio clube também.

Após realizadas as entrevistas, fiz a transcrição de cada uma delas e enviei para os respectivos/as entrevistados/as. Com o devido aval de todos/as para uso das informações e após uma análise sobre as entrevistas, separei duas grandes categorias de análise e, dentro delas, abordei temas centrais.

Uma das categorias diz respeito ao torcer com futebol, ou seja, antes da pandemia. Nessa categoria, me atenho a contar um pouco sobre a trajetória desses/as torcedores/as no contexto do futebol. Dentro dessa categoria, separei dois temas centrais: o primeiro diz respeito à prioridade que o futebol e o clube do coração ganham na vida dessas pessoas, sustentadas pelo sentimento de pertencimento, e o segundo se relaciona com as questões de gênero que aparecem dentro desse contexto. A outra categoria de análise abordada foi o torcer sem futebol, ou seja, como esses/as torcedores/as estão lidando com esse período de isolamento em que não existem jogos para ir, nem para assistir, e poucas notícias novas sobre o clube. Dentro dessa categoria, separei três temas centrais, sendo eles: o vazio causado pela ausência dos jogos e suprido, em parte, pelas reprises dos jogos

televisionados; as ações sociais realizadas pelos/pelas torcedores/as durante a pandemia; e a noção de pertencimento, dessa vez, dentro desse contexto de isolamento.

## **4 TORCER COM FUTEBOL**

Para pensarmos o torcer sem futebol, temos que pensar o torcer com futebol. Analisando a trajetória torcedora dos sujeitos de pesquisa, pôde-se perceber que o futebol sempre esteve presente na rotina e na vida deles/as. Todos/as os/as entrevistados/as alegaram a influência de familiares que eram colorados e que lhes levavam ao estádio, davam camisas e ensinavam sobre o time desde que eram crianças, o que resultou na realidade que vivem hoje, que é a de torcedores/as assíduos do Internacional. Damo (1998, p. 13) sustenta essa ideia quando diz que a escolha de um clube para torcer “mobiliza os laços de sociabilidade mais próximos, chegando, em certos casos, a formar torcedores fiéis a um mesmo clube por três e até quatro gerações no âmbito de uma família”.

Nessa categoria, do torcer com futebol, enfocarei dois temas centrais. O primeiro deles diz respeito à prioridade que os jogos tinham na rotina dos/das entrevistados/as. O segundo traz questões de gênero que aparecem no contexto de jogos presenciais.

### **4.1 O Jogo como Prioridade**

Antes da pandemia, os dias de jogos do Inter eram considerados sagrados na agenda dos/das entrevistados/as. Segundo Koch (2015), os torcedores anseiam compartilhar os momentos de dor e alegria do seu time juntos. Nesse caso, o futebol ocupa um espaço de grande relevância na vida desses/as torcedores/as. E, por causa disso, são capazes de deixar de lado outros compromissos sociais. Chaves (2014) chamaria esses/as torcedores/as de fanáticos/as, pois têm o comportamento determinado em função do futebol.

Os relatos dão conta de que nada teria tanta prioridade quanto o jogo.

Se eu trabalhava e o jogo era de noite, eu fazia mundos e fundos para conseguir ir, trocava de horário, pedia para alguém me cobrir, qualquer coisa assim (Entrevista realizada com Victor, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020).
---

Segundo a fala de Victor, o jogo era prioridade em relação ao trabalho, já que se os horários coincidiam, ele encontrava uma forma de deixar de ir trabalhar para ir ao jogo. Já Mariana, priorizava o jogo em relação às aulas, suas falas dão conta de que ela não se importava de ganhar falta dos

professores se fosse para ir ao jogo do Inter no mesmo horário. Além das ocupações de trabalho e estudo, o jogo se mostra tão importante para Vanessa que ela diz que “depois de um tempo, é basicamente do que eu vivo” (entrevista com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020), ou seja, está sempre envolvida em eventos organizados pela torcida.

Nota-se que o torcer desses/as entrevistados/as, antes da pandemia, estava relacionado primordialmente com os momentos presenciais nos jogos. A participação nesse cotidiano do futebol, segundo eles/as, se dava principalmente pelo vínculo criado com outros/outras torcedores/torcedoras. O pertencer ao clube passava também por um pertencer a um grupo.

E o grupo a que me refiro é grupo de amizades que são feitas nos jogos, que segundo Victor, é “a mesma galera que se encontra sempre junto ali no mesmo lugar” (entrevista com Victor, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020). Além desse laço de amizade, tem também o laço da torcida, da parceria, do pertencer à torcida organizada e ter que estar sempre presente, como disse Vanessa.

A torcida é o que mais me prende de ir em todos os jogos sem falta, sabe (Entrevista realizada com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020).

A seguinte fala de Vanessa é um exemplo do que Sobrinho, Marra e Souza (2018, p. 50) constataram em seu artigo sobre identidade e futebol. Segundo elas, “o compartilhar de realidades seria o responsável pela construção das identidades do indivíduo, uma vez que ele vivencia diferentes realidades nos seus vários grupos sociais.” Nesse caso, Vanessa se sente parte da torcida porque compartilha do mesmo sentimento que outras pessoas.

Eh um sentimento muito bom, sabe, tu saber que tem um lugar que tu te encaixa, com pessoas que tem as mesmas paixões que tu, ideias parecidas... (Entrevista realizada com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020).

Entendendo que o contexto dos jogos e a presença no estádio se mostravam como algo importante na vida das pessoas entrevistadas, devido às amizades e vínculos construídos, o que colaborava para que os jogos fossem, de certa forma, prioridade para eles/as, o próximo passo é tentar entender

como essas pessoas manifestavam o seu torcer durante as partidas. E aqui, no próximo tópico, destaco as questões de masculinidades do torcer e o que permeia as relações entre homens e mulheres dentro de um espaço de torcida, já que esse foi o tema mais presente nas entrevistas quando abordado a ação de torcer.

#### **4.2 O Torcer Delas em Jogo**

Conforme comentado no referencial teórico desse trabalho, existem formas de se portar dentro de um estádio e dentro de determinada torcida que reafirmam uma dada masculinidade que faz sentido naquele pedaço. Através de falas de torcedores/as, pôde-se perceber a manifestação de masculinidades e feminilidades dentro das torcidas. A fala de Fernando, quando diz que “se arrepia, tu chora, é louco” (entrevista com Fernando, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 03/07/2020), nos remete à afirmação de que dentro daquele espaço, homens podem agir de certa forma que, se colocada em contexto externo ao futebol, talvez fosse passível de julgamento, uma vez que o conceito de chorar em público, na nossa sociedade, remete a uma fragilidade atribuída às mulheres.

Dunning (1992) mostra que o esporte é uma das áreas mais importantes no que diz respeito a “áreas reservadas masculinas”, ou seja, é um campo com importante potencial para o funcionamento de estruturas patriarcais. Se há esse domínio masculino no esporte, não seria diferente nas torcidas. Isso pode ser evidenciado na fala de Fernando, quando o mesmo diz ser a favor das mulheres dentro da torcida. É interessante pensar que o patriarcado se mostra como algo tão forte no futebol, que nesse caso, o sujeito se coloca em um lugar de poder opinar e autorizar a presença de mulheres na torcida.

Além de estar presente no discurso de Fernando, o machismo se concretiza, segundo Vanessa, em viagens realizadas pela torcida, onde os líderes, todos homens, se sentem no poder de vetar a ida de mulheres integrantes da torcida em viagens e jogos com times rivais. Para Fernando, “mulher não pode opinar na torcida” (entrevista com Fernando, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 03/07/2020), ou seja, há um trabalho para que as lideranças masculinas se mantenham fortes, o que acaba se camuflando atrás

de uma imagem de que há um zelo pela segurança das mulheres, conforme fica explícito na fala do torcedor.

Até viagem, eu não queria que elas fossem né, sempre comentei isso daí pros guris. Tipo, viagem de Libertadores, de Copa do Brasil, Brasileirão também, porque tem muita rivalidade e mulher apanhando ou mulher sendo atingida com alguma coisa, bah, é ruim, ninguém aceita, sabe. Eu odeio homem que briga com mulher (Entrevista realizada com Fernando, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 03/07/2020).

Vanessa disse que as mulheres sofrem muito preconceito dentro da torcida, que demoraram a ganhar espaço e voz, inclusive tendo que fazer um movimento dentro da própria torcida, que se intitulou Feminino Portão 7, que tem o objetivo de unir as mulheres dentro da torcida organizada. Vanessa conta que as mulheres escutam muito desaforo, que os homens acham que a presença delas é “por causa de macho” (entrevista com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020) e que é um longo processo de engajamento em ações da torcida e presença nos jogos para mostrar que o motivo da presença delas ali é o Inter e não homens.

Quando eles veem que tu vem colando, que tu vai nas coisas, que tu te empenha nas ações sociais, que tu te empenha nos protestos, que tu ta sempre presente, que tu paga, tipo, o principal né, que tu paga em dia ali, eles vão... eles vão aceitando a tua presença, sabe, e aí vão se conformando (Entrevista realizada com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020).

Em uma das falas, fica evidente a visão de fragilidade que os torcedores homens têm das mulheres, entendendo que a presença das mesmas na torcida enfraquece em caso de briga.

Se eu te contar que na torcida dos azuis elas não podem ir pra Arena com eles? Tu acredita? Pelo menos as da zona sul, em dia de Grenal por exemplo que a gente junta um bonde, eles vetam elas pra se acontecer "pista" (que nunca acontece) antes do jogo elas não estarem no meio e "enfraquecer" o lado deles (Entrevista realizada com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020).

Vanessa diz que já pensou em ir para outra torcida organizada onde as mulheres têm mais voz, mas alegou que talvez não se encaixasse porque já estava acostumada com a Organizada atual e com a forma de torcer, além de que já tinha vínculos de amizade dentro dessa torcida. Isso reforça a ideia do trabalho de Garrafiel (2019) de que as mulheres possuem formas diferentes de torcer. Um exemplo é a Mariana, que frequentou uma torcida organizada só de

mulheres e disse que não se encaixou ali porque as mulheres eram “radicais demais” e tinham regras muito rígidas.

Eu acho que é essa questão do... do ai tudo as mulheres, as mulheres conseguem bater de frente. Tem vezes que as mulheres não conseguem bater de frente, não, sabe. Se der uma cagalhada de pau lá, vai os guris ir na frente e é certo, eu não vou me meter, “não, vou eu botar de frente”, não. Beleza, eu vou entrar pro bar, briga aí (Entrevista realizada com Mariana, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020).

Então, Mariana optou por outro setor no estádio que era onde se sentia livre para torcer da forma que quisesse, sem julgamentos. Jaqueline também ressalta situações de liberdade de escolha de setor quando diz que o movimento de que participa, o Gurias de Vermelho, se reúne no portão 6 do estádio, mas que as gurias podem escolher ir em qualquer outro porque cada uma torce como quer. Jaqueline gosta da festa, mas não quer estar cantando e sendo cobrada por não cantar o tempo inteiro, já Vanessa faz questão de ir no setor em que precisa extravasar e cantar o tempo todo. Isso mostra que as diferentes feminilidades de torcer estão presentes no estádio e nos discursos das mulheres entrevistadas.

Bandeira (2010) encontrou um currículo masculino na forma de torcer, mostrando que os homens torcem de uma maneira hegemônica, exaltando suas masculinidades. Em contraponto, quando analisamos elas, este trabalho, junto com o de Garrafiel (2019) e o de Martins (2014), mostra que as mulheres possuem uma diversidade de torcer. Para Martins (2014), além do torcer no coletivo, as torcedoras também apresentam características individuais, através de gestos ou vestimentas, que ressaltam a identidade torcedora de cada uma delas. Neste caso, conforme uma das falas de Jaqueline, nota-se a preferência por um setor no estádio em que sua forma de torcer possa ser livre, sem a imposição do currículo masculino de torcer.

Eu ia no P7 também, só que o problema do P7 é que tu tem que cantar o tempo inteiro né. E tipo, ficam brabo contigo e eu não quero cantar o tempo inteiro e daí a gente “ta, vamos ficar então no meio termo que não é nem os véio do radinho e nem é o P7 pra gritar o tempo todo” (Entrevista realizada com Jaqueline, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 09/07/2020).



Levando em conta o que foi exposto sobre gênero até agora, parece que essas questões eram mais latentes no período antes da pandemia, enquanto tinham jogos presenciais. Homens verem mulheres como fator enfraquecedor em momentos de possíveis brigas com outras torcidas, parece ser algo que acontece em momentos que tem jogos.

Entendendo que a presença nos jogos era prioridade para esses/as torcedores/as, e conhecendo um pouco sobre como as relações de gênero se delimitam a esse espaço nesse momento, ficou claro que o torcer era algo muito presente na vida das pessoas. Na próxima categoria, entrarei no processo de refletir sobre que sentimentos esses/as torcedores/as estão nutrindo durante o período de isolamento social e como se torce sem futebol.

## **5 TORCER SEM FUTEBOL**

Com a questão da pandemia, foi determinado que existiria um período de isolamento social, fazendo com que serviços fossem parados e pessoas fossem isoladas do convívio normal. Com o futebol, não foi diferente. Os jogos e treinos não puderam mais acontecer, e os atletas e torcedores/as, assim como todas as outras pessoas, foram orientados a ficarem em suas casas. Conforme foi mostrado no tópico anterior, onde falei sobre torcer com futebol, ficou claro que esse esporte e, principalmente, o time de coração dos/as torcedores/as entrevistados/as regia parte da rotina de suas vidas, destacando a importância do torcer.

Nesta categoria que abordarei a partir de agora, a qual intitulei de Torcer Sem Futebol, destacarei três temas centrais. O primeiro dirá respeito ao vazio sentido e relatado pelos/as entrevistados/as devido à ausência de jogos no período de isolamento. O segundo tema falará sobre a noção de pertencimento nutrida por esses/as torcedores/as nesse contexto em que o único contato possível de ser feito com outros/as torcedores/as é de forma virtual. E, por fim, o terceiro tema abordado irá tratar das ações sociais realizadas durante a pandemia, tanto pelos/as torcedores/as comuns quanto pelos/as integrantes de torcidas organizadas.

### **5.1 O Vazio no Estádio**

A pausa no futebol devido à pandemia, conforme inúmeras falas durante as entrevistas, deixou uma 'lacuna', 'um vazio', na vida desses torcedores/as. Damo (2007) diz que os torcedores seguem um clube durante toda a sua vida e que estendem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além deles. Por isso, sem conseguirem ir aos jogos e sem jogos do clube do coração, em tempo real, para assistirem, os/as entrevistados/as demonstraram outras formas de manter o vínculo com o clube.

As emissoras de televisão se encarregaram de transmitir reprises de jogos passados para que continuasse existindo o horário que sempre foi destinado aos jogos de futebol. Era uma opção para suprir a lacuna na vida dos/as entrevistados/as. No Rio Grande do Sul, a RBS TV, filiada da Rede Globo, transmitiu aos domingos, reprises de jogos importantes da dupla Grenal,

intercalando aos domingos, onde em uma semana reprisava-se um jogo do Inter, na outra, jogo do Grêmio.

Essa iniciativa demonstrou uma tentativa de se manter falando sobre os times para que o vínculo dos/as torcedores/as não fosse perdido. Então, além das reprises nos finais de semana, os programas esportivos se encarregaram de dar espaço à lembrança de jogos passados, tratando das atmosferas antes, durante e após os jogos. Um exemplo disso foi a transmissão da conquista do Mundial de Clubes FIFA, conquistada pelo Inter, em cima do Barcelona, no ano de 2006. Além do jogo propriamente dito, que foi reprisado em uma tarde de domingo, os programas esportivos se ativeram a relembrar a preparação dos times, e os momentos em que ambos se encontravam em suas histórias, a fim de resgatar memórias daquele tempo. Todo esse esforço resultou em uma noção de reviver a conquista passada no tempo presente, uma vez que, após o jogo, podiam-se ouvir foguetes sendo soltos por colorados para comemorar o título que já havia sido conquistado. Além de recordar conquistas, os/as torcedores/as puderam gozar dos momentos de alegria novamente, o que contribuiu para que um vínculo com seus clubes fosse mantido, como mostrou a fala da torcedora Jaqueline.

Eu vejo jogos passados assim, sabe. Eu tenho umas amigas que tão vendo o campeonato europeu, mas não é uma coisa que me prende muito assim. E eu vejo jogo, tipo, quando passa na TV, reprise, ou já vi tipo documentário do Inter, vejo coisas assim pra matar um pouco né da saudade (Entrevista realizada com Jaqueline, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 09/07/2020).

Assistir reprises de jogos só não foi citado por um dos entrevistados. Por outro lado, apenas um entrevistado disse acompanhar outros jogos de futebol que não eram relacionados ao Inter, os outros sujeitos disseram que até assistiam outros campeonatos, ou tinham vontade, mas que “não prende muito”. Já dizia Damo (1998, p. 11) que a “opção clubística transcende o próprio futebol”.

Eu ficava vendo reprise de jogo que passava na TV, eu vi toda Copa de 70, eu vi a Copa de 82, ahn... a final de 94, 2002, isso aí eu vi tudo. Tipo, depois os jogos que reprisavam do Inter na Globo mesmo, no SporTV, na FOX ali, os da Libertadores e, mais nesse sentido, vamos dizer assim, o cara... eu, pelo menos, tive que me virar como dava, porque bah, me fez e faz ainda muita falta (Entrevista realizada com Victor, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020).

Até aqui, ficou claro que o vazio relatado pelos/as torcedores/as pôde ser suprido, em partes, pelas reprises de conquistas antigas transmitidas pelas emissoras de televisão e rádio. Além disso, outro fator que se mostrou importante nesse fortalecimento do vínculo com o clube, e que abordarei no próximo tópico deste estudo, foi o sentimento de pertencer a um grupo, a uma torcida, a uma nação que, conforme Franco Júnior (2007), ressalta um sentimento de “comunidade reunida” em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado pelo “time do coração”. Assim, no próximo tópico, tratarei da noção de pertencimento como forma de vínculo no contexto do torcer sem futebol.

## **5.2 Pertencer ao Clube e ao Grupo**

Na pandemia, parece que os/as torcedores/as mantiveram um vínculo muito mais com eles/as mesmos do que com o próprio clube, é como se existisse um pertencer dentro do pertencer. E afirmo isso porque parte da ideia de realizar um trabalho pesquisando torcedores/as e seus sentimentos de pertencimento, passou pelo meu inquietamento em um momento sem acontecimentos do clube pelo qual eu torço. Então, a fim de me sentir mais próxima do clube, senti necessidade de estar próxima daqueles/as que sentem o mesmo que eu, tanto pelo time quanto pelos vínculos afetivos dentro da torcida. Já dizia Chaves (2013, p. 38) que “o futebol possibilita esta reaproximação das pessoas, formando comunidades nas quais elas se auto-representam e se sentem parte verdadeiramente de um grupo através de emoções compartilhadas”. E foi, através dessas emoções compartilhadas com esses/as torcedores/as, que consegui suprir um pouco do vazio existente pela ausência de jogos e manter mais ainda o vínculo com o clube.

Por um lado, antes da pandemia, era importante manter vínculo com o clube e com as pessoas que frequentavam o estádio quando tinham jogos. Por outro, na pandemia, sem os jogos, o vínculo pareceu se firmar mais, como disse Fernando, que “agora o pessoal ta mais unido, parece” (entrevista com Fernando, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 03/07/2020). Enquanto tinham jogos, era rotina encontrar os amigos, mas todos estavam pela festa e bêbados. Na pandemia, quando se reuniam, estavam sóbrios, dando a

impressão de que a relação ficava mais nítida, sólida. Essas reuniões aconteciam tanto presencialmente quanto através de redes sociais, utensílio esse, que foi muito utilizado pelos/as torcedores/as durante o período de isolamento.

Vanessa disse que o vínculo com as pessoas que frequentavam o estádio e a torcida é tão forte que ela vê mais esses/as amigos/as torcedores/as do que a própria família, inclusive quando não tem jogos. Victor também nutriu amizades e parcerias dentro do estádio, o que fez com que a saudade dos jogos ficasse mais latente. Mariana encontrou nos Discípulos de RAO, uma rede de torcedores/as que supriram a falta dos jogos, e ao mesmo tempo, serão seus/suas companheiros/as de arquibancada quando as partidas tiverem presença de público novamente. Jaqueline tem, no grupo Gurias de Vermelho, uma rede de informações sobre o Inter criada pelas meninas participantes, que mantêm tanto contato, que já são consideradas amigas.

Por todos esses sentimentos de amizade e paixão relacionados tanto ao clube quanto aos/as parceiros/as de torcida, esses/as torcedores/as mantiveram reuniões virtuais e até mesmo presenciais a fim de continuarem mantendo o vínculo entre si, fortalecendo o pertencimento ao grupo.

Alguns dos encontros virtuais eram, como no caso de Jaqueline, por exemplo, em transmissões ao vivo em canais de redes sociais, onde torcedoras trocavam informações sobre o Inter e sobre futebol. Além disso, conforme destacarei no próximo tópico, os encontros virtuais e, até mesmo presenciais, serviam como reuniões para programação de ações sociais. Então, a seguir, tratarei do terceiro tópico da categoria torcer sem futebol, onde mostrarei de que forma as ações sociais contribuíram para o mantimento do vínculo com os clubes no contexto da pandemia.

### **5.3 Ações Sociais**

Parte dos encontros virtuais e presenciais supracitados eram relacionados às ações sociais desenvolvidas pelos/as torcedores/as do Inter. Com a pandemia, surgiu muito desemprego e a desigualdade social se

alastrou, deixando famílias em situação de vulnerabilidade<sup>6</sup>. Por isso, as torcidas se encarregaram de ajudar quem estava precisando, arrecadando alimentos, roupas, materiais de higiene, camisas de times, a fim de aplacar um pouco da necessidade. As ações sociais surgiram como algo para preencher a lacuna que a ausência de futebol causou.

Mariana sempre gostou de participar de ações sociais. Com a pandemia, ela decidiu fazer parte de um movimento de torcedores/as colorados/as chamado de Discípulos de RAO<sup>7</sup>, que se intitula como “a tropa da ação social”. Segundo ela, entrar para o movimento uniu o útil ao agradável, uma vez que agora ela teria mais companhias para ir aos jogos, além de estar ajudando quem precisava. Além disso, o grupo se mostrou como uma forma de aplacar a saudade dos jogos e do clube.

Bah, um lado meu vive de Inter né, e agora com os Discípulos nessa pandemia, vieram pra suprir essa falta assim que eu tava, porque bah... (Entrevista realizada com Mariana, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020).

Por outro lado, Jaqueline, a fundadora do grupo Gurias de Vermelho disse que as participantes do grupo não se engajavam tanto nas ações sociais propostas. Diante disso, conclui-se que esse movimento não tem a função de reagir a nenhum estereótipo, mas sim fortalecer e incentivar a presença das mulheres no estádio.

Já as torcidas organizadas pareceram mais engajadas nas ações sociais. É importante salientar, conforme a fala de dois entrevistados,

<sup>6</sup> Ao analisar o impacto da pandemia e do isolamento social em coletivos sociais que sofreriam maiores consequências nesse período e após esse período, Boaventura destacou em seu livro, a ideia de uma nova quarentena, que diz respeito ao confinamento durante a pandemia, e de uma quarentena original, que seria o modo de vida original das periferias e favelas, que já vivem com esse isolamento social no que diz respeito a condições sanitárias, de higiene e de saúde, mostrando que classes sociais mais desfavorecidas já sofrem certo isolamento, sendo ignoradas e abandonadas pelos mais favorecidos (SANTOS, 2020).

<sup>7</sup> Vicente Rao era colorado fanático. Foi Rei Momo de Porto Alegre por 22 anos, se tornando famoso na cidade. Dentro do Internacional, Rao revolucionou o modo de torcer no estado e no Brasil, sendo o primeiro a levar bandeiras, foguetes e papéis picados para os jogos de futebol. Primeiro animador de torcida do estado, fazia o povo cantar e pular para apoiar o Internacional. Informações acessadas em: <https://www.facebook.com/GuardaPopularFotosVideos/photos/vicente-rao-o-verdadeiro-pioneiro-do-rio-grande-do-sulvicente-rao-foi-uma-figura/1154958991185290/>, em 26/08/2020.

integrantes de uma torcida organizada do Inter, que as ações sociais não foram exclusividade da pandemia, mas que sempre aconteceram. Isso corrobora com a visão de Correia Sobrinho (2008) de que uma das características a se destacar das torcidas organizadas é justamente esse suposto papel social defendido, onde os/as torcedores/as promovem o lazer, garantem assistência médica e se engajam em campanhas filantrópicas.

Os dois integrantes da torcida organizada deram relatos de que estavam engajados nessas causas. Fernando, além de arrecadar materiais de higiene, alimentos e roupas, também se engajou em uma campanha para proporcionar o que ele chamou de um dia de princesa, para uma menina que possui a doença alopecia areata, que causa queda de cabelo. Além disso, também esteve presente em ações realizadas na aldeia Tekoá Pindó Mirim, levando camisetas do Inter para as crianças, além de outros mantimentos para as famílias. As ações sociais já ocorriam antes da pandemia, mas durante, aconteceram com muito mais frequência.

O que eu faço é tudo pelo Inter, entendeu, agora, que são as ações. Então, eu me dedico ao máximo nisso daí, entendeu. De manhã, de noite, 24 horas por dia, bem dizer, to no telefone ali, às vezes a gente quer ajudar, a gente vai, busca, entendeu, se viramos. Então, no que eu me dedico é nisso daí e família, casa, tudo isso aí (Entrevista realizada com Fernando, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 03/07/2020).

Victor contou que doou camisetas a campanhas de torcedores do Inter que estavam realizando ações sociais. Ele chamou isso de “um lance clubístico solidário”, onde a identificação com torcedores do mesmo clube é tamanha, que há uma necessidade de participar de ações juntamente a esses/as torcedores/as. Segundo ele, muitas outras pessoas podem fazer um trabalho legal também, mas que por serem torcedores do clube encabeçando essas ações, há uma motivação a mais em ajudar porque “os cara tão levando o nome do clube pra lá” (entrevista com Victor, por chamada de vídeo via WhatsApp, dia 02/07/2020). E, aqui, volta a noção de pertencimento, onde há o sentimento de se sentir parte de algo do clube porque esses/as torcedores/as torcem para o mesmo.

São torcedores que nem a gente, sabe, aí eu acho que a gente tem uma identificação um pouco maior, eu acho que fica mais fácil de tu te tocar e, não, bah vou ajudar os cara porque os cara tão fazendo um trabalho tri (Entrevista realizada com Victor, por chamada de vídeo via

WhatsApp, dia 02/07/2020).

Além de querer ajudar quem precisava, as torcidas organizadas viram nas ações sociais uma forma de passarem uma imagem de “que torcida não é só briga, não tem só maloqueiro, que as pessoas são pessoas boas” (entrevista com Vanessa, via WhatsApp, dia 10/07/2020), segundo a fala da integrante Vanessa. Vanessa trouxe em outra fala sua que a torcida organizada sofre com estereótipos de violência, conforme também já mencionado em trabalhos como o de Canale (2012), Benevides (1996) e Reis (1998), e que essa seria uma visão equivocada, uma vez que a torcida é feita de pessoas que estão dispostas a ajudar quem precisa.

Independente do propósito pelo qual os/as torcedores/as decidiram ajudar quem precisava, pôde-se perceber que as ações sociais foram uma forma encontrada por eles de manterem seus vínculos tanto de torcedor/a para torcedor/a quanto de torcedor/a para clube.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como o torcer começou e as fases pelo qual passou ajudou a entender por que as torcidas são o que são. Entender esse universo predominantemente masculino trouxe muitas questões à tona. É interessante pensar como esse patriarcado se destaca não só dentro das torcidas organizadas, como também na gama de trabalhos científicos que estudam torcidas e futebol. Enquanto realizava minha pesquisa, constatei que a maioria dos autores que utilizei eram homens, e que as autoras mulheres surgiam em um contexto de entendimento da presença da mesma dentro dos estádios. Com as questões de gênero trazidas no presente estudo, pôde-se perceber que, na pandemia, durante esse período de isolamento e ausência de partidas presenciais, conforme analisado nas falas das pessoas entrevistadas, não houve a manifestação de questões relacionadas a esse tema, entendendo-se que os acontecimentos relacionados a esse assunto estão deslocados em um tempo e em um espaço, mostrando-se apagados durante o isolamento.

Além disso, percebeu-se uma frequência maior de ações sociais acontecendo durante a pandemia. Resta saber se realmente aumentou ou se apenas foi mais noticiado porque não existiam vídeos da torcida nos pré/pós jogos para serem postados. Com as ações sociais, além de ser uma forma de manter vínculo com o clube e seus torcedores, pôde-se pensar que havia um esforço para fortalecer o nome do clube, uma intenção de criar simpatia, trabalhar uma futura geração que vai seguir apoiando e perpetuando o Inter.

Essa busca por “novos seguidores” parece não passar somente pelas ações sociais, uma vez que, conforme visto nesse trabalho, existem diferentes tipos de torcedores/as que se engajam em diferentes movimentos, levantando bandeiras distintas. Enquanto ajudar os mais vulneráveis era/é prioridade para um grupo, estimular a presença da mulher dentro dos estádios é o lema de outro grupo. Então, o espaço do futebol serve como um espaço de luta, em que cada grupo vai defender aquilo que acredita e que faz parte do seu modo torcedor/a, seja lutando por uma imagem menos violenta, como é o caso da intenção das torcidas organizadas por trás das ações sociais, seja lutando pelo respeito do saber e da presença da mulher nas arquibancadas, como é o caso das Gurias de Vermelho.

O isolamento social nos colocou em uma rotina que intitulamos como 'novo normal'. No espaço desse tempo, em que os/as torcedores/as se encontravam apenas virtualmente, poderíamos pensar se, com a volta dos jogos, haveria uma maior procura por estar presente no estádio, ou se o público já estaria acostumado a ser torcedor/a à distância. Será que com a volta dos jogos, a relação será a mesma? Será que a rotina vai ser a mesma? Existirá um 'novo torcer'?

Permitindo-me responder a essas questões, posso dizer que a pandemia fortaleceu o meu lado torcedora. Nos momentos de isolamento, a minha busca por reviver momentos e ver coisas sobre o Inter ficou muito mais latente que nos tempos em que eu frequentava o estádio. Só o fato de estar presente no jogo já era suficiente para alimentar a minha paixão pelo futebol e pelo clube. Em tempo de pandemia, me vi e me fiz mais presente em tudo que era relacionado ao Inter e até mesmo ao futebol em geral. Por isso, posso dizer que, se esse 'novo normal' vai continuar existindo ou não, eu não sei. Só sei que no primeiro dia que o Beira-Rio abrir as portas para o público novamente, eu estarei lá, pronta para ocupar meu espaço na arquibancada e fazer a coisa que mais gosto de fazer no meu lazer: cantar pro meu Colorado.

## 7 REFERÊNCIAS

BANDEIRA, G. A. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. Rev. Bras. Educ. v. 15, n. 44. Rio de Janeiro Maio/Ago. 2010.

BENEVIDES, R. O Nosso Vietnã. In: São Paulo (Estado), Secretaria de Estado da Justiça e de Defesa da Cidadania. A violência no esporte. São Paulo, 1996.

CAMPOS, P. F. Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

CAMPOS, P. F.; SILVA, S.R. Mulher torcedora: apontamentos sócio-históricos da presença feminina nos estádios de futebol em Belo Horizonte – MG. Trabalho apresentado no II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010).

CAMURÇA, A.M.C. Fisiologia das emoções: os torcedores fanáticos de futebol. Campinas, 2019. 141 p. Dissertação (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2019. [Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Helena Baldy dos Reis].

CANALE, V.S. Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer. Campinas, 2012. 121 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012. [Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Helena Baldy dos Reis].

CHAVES, A. M. A. Paixões e cores da torcida baré: Significados sociais do ato de torcer por um time de futebol profissional em Manaus. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. [Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Artemis de Araújo Soares].

CÉSAR, I.H.; SOBRINHO, J.C. (in memorian). Torcidas organizadas de futebol: metamorfoses de um fenômeno de massa. Revista eletrônica **Inter-legere**, Rio Grande do norte, n. 3, p. 1-9. Jul./dez. 2008.

CORREIA SOBRINHO, José. Violência de massa no futebol: um olhar clínico sobre o fenômeno das torcidas. *Folha do Campus*. Ano II, n. 10, p. 02, set-97.

COSTA, L. M. da. Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”. Identidade feminina e futebol. In: ‘USOS DO PASSADO’ XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ, 2006, Niterói. Anais do XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 1-11.

DAMO, A. S. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 24, p. 213-225, dez. 2004.

DAMO, A. S. Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca de excitação. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 14, n. 28, p. 139-152, Aug. 2004 .

GARRAFIEL, K. G. Torcedoras gremistas: as diferentes formas de torcer de mulheres para o time profissional de homens do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. 2019. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. [Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel da Silveira].

GIDARO, A. Marcas e brasões: processos midiáticos e estratégias de patrocínio ao futebol brasileiro. São Paulo, 2015. 128 p. Dissertação (Mestrado

em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015. [Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes].

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HANSEN, V. Torcida organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade. Curitiba, 2007. 101 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2007. [Orientador: Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli].

KOCH, R. Marcas da futebolização no torcedor pós-moderno: a condição flâneur. *Diálogo*. Canoas. N 30, Dezembro, 2015.

LAGES, C.E.D.M.; SILVA, S.R. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. *Licere*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, mar/2012.

LOPES, F.T.P.; HOLLANDA, B.B.B. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*, v. 24, n. 2, Niterói, Maio/Ago. 2018.

LOUREIRO, L. L. Torcidas organizadas: movidas por uma paixão. 2011. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) - Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos, 2011. [Orientador: Prof. Filipe Coutinho Soriano].

MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1992), "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?". *Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP*, 2 (2): 49-51.

MARTINS, Daiane Grillo. Mulheres e futebol: um olhar para as torcedoras do Sport Club São Paulo. In: *Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos*, Florianópolis v. 10, p. 1-12, 2013.

MASCARI, Felipe. Torcidas organizadas criam 'linha de frente' na resistência antifascista. *Rede Brasil Atual*, 2020. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/06/torcidas-organizadas-antifascismo-manifestacao/>>. Acesso em: 09/06/2020.

NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, p. 1-19, 2014.

PALHARES, M.F.S. Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. *Motriz*, Rio Claro, v.18 n.1, p.186-199, jan./mar. 2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de. *Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. São Paulo, Vogal Editora, 1997.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas. São Paulo em Perspectiva*. São Paulo. 2003.

REIS, H. H. B. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Campinas, 1998. 134 p. Dissertação (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998. [Orientador Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino].

RIBEIRO, E. A. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. Evidência*, Araxá, n. 4, p. 129-148, 2008.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SALLES, J.G.C. *Futebol: um lazer mágico da cultura brasileira. Motus corporis*, v. 5, n. 1, 1998.

SANTOS, André. *Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro*. 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>.

SANTOS, Tarciane Cajueiro. *Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol*. Annablume, São Paulo, 2004.

SANTOS, *Boaventura* de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitem- po, 2020. \_\_\_\_\_. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SOARES, F. C. Cultura desviante e juventude: a torcida organizada como instrumento de domínio territorial. Belo Horizonte, 2018. 153 p. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2018. [Orientador: Prof. Dr. Renan Springer de Freitas].

SOBRINHO, T. M.; MARRA, A. V.; SOUZA, M. M. P. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada. *Ciências Sociais Unisinos* 54(1):49-59, janeiro/abril 2018.

TEIXEIRA, R. C. Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas. Annablume, São Paulo, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas Organizadas de Futebol*. São Paulo: Vozes, 1996.

### **Sites consultados**

Organização Mundial da Saúde. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 18/10/2020.

Universidade de Johns Hopkins. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 14/10/2020.

Facebook. Guarda Popular. Vicente Rao, o verdadeiro pioneiro do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GuardaPopularFotosVideos/photos/vicente-rao-o-verdadeiro-pioneiro-do-rio-grande-do-sulvicente-rao-foi-uma-figura/1154958991185290/>>. Acesso em: 26/08/2020.

Federação Gaúcha de Futebol. Protocolo de retomada do Gauchão 2020. Disponível em: <<https://fgf.com.br/Layout/documentos/2020-07-21%2013:46:01->

[PROTOCOLO%20DETALHADO%20RETOMADA%20GAUCH%C3%83O%202020.pdf](#)>. Acesso em: 14/10/2020.

Felipe Mascari. Torcidas organizadas criam 'linha de frente' na resistência antifascista. Disponível em: <  
<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/06/torcidas-organizadas-antifascismo-manifestacao/>> . Acesso em: 09/06/2020.



**APÊNDICE 1****ROTEIRO DE ENTREVISTA****Dados gerais:**

- Idade:
- emprego:
- estudo:
- onde estuda?
- o que estuda?
- estado civil:
- onde mora?
- com quem mora?

**Sobre o futebol**

- Qual a sua relação com o futebol?
- Me relata momentos importantes da sua vida em que o futebol estava presente.
- Como o futebol se relaciona com a sua rotina?
- Em que momento da vida foi levado a torcer?
- Que tipo de torcedor você iniciou sendo?
- Me conta como foi ir pela primeira vez ao estádio?
- Que tipo de torcedor você foi se tornando?

**Sobre a torcida organizada**

- Quando e como escolheu fazer parte de uma torcida organizada?
- Alguém foi importante nesse processo?
- Me relata o seu cotidiano nessa torcida.
- Como funciona o grupo? Como age?
- Quanto tempo do seu dia você se envolvia com a torcida? Como era esse envolvimento em dias de jogos e nos dias que não tinha jogos?
- Me descreve os teus sentimentos por fazer parte?

- Já participou de outras torcidas? Como foi? Descrever as diferenças e semelhanças entre essas torcidas.

### **Sobre o torcer na pandemia**

- Como ocupa o tempo na pandemia?
- Sua rotina mudou?
- O futebol se faz presente nesse tempo? De que maneira?
- Qual o sentimento de torcer sem futebol?
- A torcida organizada que participa está fazendo alguma atividade?
- Há encontros virtuais ou presenciais? Grupos no whats? Ações solidárias? Você está participando de alguma dessas atividades?
- O que espera da volta do futebol? Como acha que vai ser? O que acha que vai mudar?

Agradeço imensamente a sua participação e gostaria de saber se há alguma informação que você gostaria de me passar sobre torcer, mas que não te questionei?

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, julho de 2020.

Você está sendo convidada (o) a participar de um estudo sobre *Como ser torcedor sem futebol?*

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, através do aplicativo WhatsApp, em forma de vídeo ou escrita, sua participação neste estudo.

#### **Objetivos do Estudo:**

- 1) Compreender formas de torcer no futebol.
- 2) Entender aspectos das torcidas organizadas, bem como suas relações com os clubes e com outras esferas da sociedade.
- 3) Identificar de que maneira as torcidas organizadas se ocupam em tempos de pandemia, visto que não há futebol.

#### **Procedimentos:**

Participar de uma entrevista, em forma de vídeo ou de áudio, previamente agendada, a ser realizada via WhatsApp. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações.

#### **Riscos e Benefícios do Estudo**

- 1) Sua adesão como colaborador (a) com este estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tão pouco o (a) submeterá a situações constrangedoras.
- 2) Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.
- 3) Este estudo poderá contribuir no entendimento da ressignificação nas formas de torcer por um clube, em um momento em que jogos não estão sendo realizados.

#### **Confidencialidade:**

Todas as informações ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e estarão protegidas de utilização não autorizada.

#### **Voluntariedade:**

A recusa do (a) participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de investigação, a qualquer momento, se assim for o seu desejo.

#### **Novas informações:**

A qualquer momento, os (as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

**Contatos e Questões:****Isadora Ballester**E-mail: [isadoraballester@hotmail.com](mailto:isadoraballester@hotmail.com)

Fone: (51) 992260623